

Como se tornou evidente até aqui, a vastidão do tema e a já referida tendência interdisciplinar possibilitaram a inclusão das mais variadas versões, redefinições, polémicas, como aliás é característico dos Estudos Americanos, e se sugeria já na longa lista de tópicos apresentada no programa: da Língua à Literatura, da História à Biografia e Autobiografia, da Filosofia à Religião, do Folclore à Cultura Popular, da Música ao Cinema e Fotografia, da Arquitectura à Sociologia, das Minorias às Mulheres, passando pela cidade, o trabalho, a família, a lei, o ambiente, a ameaça nuclear.

Apesar da quase inevitável aparência de desorganização, justificada talvez, em parte, pela dimensão e ambições do projecto desta Associação, recolhia-se em cada grupo de trabalho, com maior ou menor êxito, um dado importante para um debate que se deveria alargar a outras associações e especialmente à prática dos Estudos Americanos nas Escolas. Esse dado é exactamente a questionação das teorias, que saíam do seu isolamento e dogmatismo, e se expõem ao desafio de uma discussão recriadora, à medida que novas ideias se aventam, novas hipóteses de trabalho se abrem.

A frustração do observador em Encontros deste género cresce em proporção directa com a variedade dos temas em debate e o número de grupos de trabalho paralelos, dada a evidente limitação física, que apenas permite absorver uma parcela mínima do conjunto. De qualquer modo, restou a experiência frutuosa de uma amostragem significativa das ideias, práticas e propostas de investigação, que retrata o panorama contemporâneo dos Estudos Americanos.

*Maria Isabel Caldeira*

## ESTUDOS SOBRE A MULHER

Subordinado à temática «Estudos sobre a Mulher», decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, nos passados dias 24 e 25 de Novembro, um Seminário organizado pela Comissão da Condição Feminina. Paralelamente, esteve aberta uma Exposição Bibliográfica sobre a Mulher, na qual foram integradas obras portuguesas sobre mulheres e cujo catálogo constitui um instrumento de investigação extremamente útil.

No primeiro dia, os trabalhos do seminário consistiram na apresentação e debate das comunicações de Michèle Kail

e Maria Angeles Duran que falaram da história e do desenvolvimento dos estudos sobre mulheres nos seus países, sobretudo nas instituições em que trabalham — Centre National de Recherches Scientifiques e Universidad Autonoma de Madrid, respectivamente. O segundo dia foi ocupado por um painel no qual participaram professores e professoras das universidades portuguesas, que expuseram as linhas mestras que devem presidir aos estudos sobre as mulheres a desenvolver no âmbito das respectivas áreas científicas: José Mattoso — História; Teresa Sousa Fernandes — Sociologia; Maria Helena Mateus — Linguística; Teresa Rita Lopes — Literatura; Joyce Moniz — Psicologia e Manuel Silva — Economia.

A primeira observação suscitada por este seminário, relaciona-se com a diferença da natureza das intervenções no caso dos/das participantes nacionais e no caso das participantes estrangeiras. Estas contaram-nos como tem sido árduo o esforço necessário para algumas realizações em que têm estado envolvidas: Michèle Kail apresentou, pormenorizadamente e dum ponto de vista organizacional, a metodologia e trabalho de mobilização e discussão desenvolvidos pelo CNRS com vista à realização, em 1982, do congresso de Toulouse, que pela primeira vez, em França, reuniu os investigadores e investigadoras das problemáticas relativas às mulheres; Maria Angeles Duran, numa intervenção viva e empenhada num estilo pouco habitual em universitários(as) e que catapultou a assistência para um estado de exaltação típica dos grandes momentos colectivos, contou-nos o trajecto percorrido até ao seu questionamento da sociologia, enquanto cientista e mulher, e as adversidades com que se tem confrontado para conseguir pôr de pé um seminário, que a pouco e pouco foi grangeando estatuto académico, e a realização anual de jornadas interdisciplinares sobre as mulheres. Por seu turno, as intervenções portuguesas centraram-se sobre a discussão dos pressupostos e postulados teórico-metodológicos dos vários campos disciplinares, neste momento à procura das mulheres como objectos teóricos.

Esta diferenciação na natureza das comunicações ficou a dever-se, essencialmente, à ambiguidade do objectivo do seminário. É redundante dizer que se pretende dinamizar a investigação, pois tal é o objectivo implícito de qualquer seminário. Por outro lado, óbvio também me parece o facto de um encontro destes dever ser uma resultante da investigação que se vai fazendo. Ora, esta foi a grande ausente. Falo de ausência porque acho que não se pode falar de inexistência. Se é certo que, no nosso país, neste como em quase todos os sectores da pesquisa científica, nos encontramos em paupérrima situação, também

não é verdade que estejamos no ponto zero. A própria CCF têm desenvolvido trabalho e publicado resultados que não tiveram, porém, estranhamente, qualquer papel neste seminário. Como também não foram peças de debate aspectos relativos: à pesquisa (im)possível de levar a cabo em instituições universitárias ou noutras; à vivência das mulheres mais (im)penetrável pela pesquisa «oficial»; aos entraves de toda a ordem (im)postos às abordagens de tais objectos teóricos social e cientificamente desvalorizados, ou (des)valorizados de uma forma cooptada; à dialética (in)existente, em Portugal, entre movimentos sociais e práticas teóricas.

A justeza daquele juízo parece-me amplamente confirmada pela extrema curiosidade com que foi recebida a comunicação extra-programa de Isabel Faria, sobre as hipóteses e resultados da sua pesquisa acerca das «formas de auto-referência e de orientação para o significado, em Português contemporâneo, em função do estrato socio-profissional, sexo e local de produção». Ou seja, foi além da simples apresentação de (hipó)teses.

Pode dizer-se que a tónica do seminário, sublinhada sobretudo pelas intervenções de Teresa Sousa Fernandes, Teresa Rita Lopes e Manuela Silva, foi o reforçar da convicção de que se exige às novas linguagens científicas, para serem novas, que não se limitem ao mero acto de acrescentar mais uma variável — o sexo — aos campos teóricos já constituídos. Uma vez que os discursos científicos foram, até agora, produzidos pelos e para os homens, não basta que eles passem a ser produzidos pelas e para as mulheres. A frase de Michèle Kail «não sair da clandestinidade para entrar no ghetto» traduz bem esta preocupação. Os discursos existentes são quase tão maus para as mulheres quanto o são para os homens — esqueceram-se de ter em consideração que o mundo masculino se constitui relacionalmente. Obviamente, o mundo feminino foi o pólo esquecido dessa relação; ou melhor, foi antes agrilhado a certas conveniências. E isto é verdadeiro para todas as áreas do conhecimento social e humano.

A vivacidade com que a assistência participou é o melhor testemunho da apetência que existe entre nós por encontros em que estes temas possam ser objecto de discussão. Qualquer pretexto é bom. E um encontro já é bom se fornece este pretexto.

*Virgínia Ferreira*